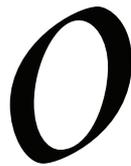


Paulo Yassuhide Fujioka

Orientador:
Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida



EDIFÍCIO ITÁLIA e A
ARQUITETURA DAS
TORRES DE ESCRITÓRIOS
EM SÃO PAULO

112

pós-

RESUMO

Neste artigo, o autor da dissertação *O Edifício Itália e a arquitetura dos edifícios de escritórios em São Paulo* apresenta seu trabalho e discute alguns dos pontos mais interessantes levantados no debate crítico desta pesquisa. Essa dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida, foi submetida a exame de defesa na FAUUSP – curso de pós-graduação em 17 de setembro de 1996, tendo como banca examinadora o Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida (orientador), o Prof. Dr. Abrahão Sanovicz (AUP – Departamento de Projeto) e o Prof. Dr. João Rodolfo Stroeter (professor convidado).

PALAVRAS-CHAVE

São Paulo, história, arquitetura moderna, Edifício Itália, análise.

EL EDIFICIO ITÁLIA Y LA
ARQUITECTURA DE LAS TORRES
DE OFICINAS EN SÃO PAULO

RESUMEN

En este artículo, el autor de la disertación *El Edificio Itália y la arquitectura de los edificios de Oficinas en São Paulo* presenta su trabajo y discute algunos de los puntos más interesantes levantados en el debate crítico de la investigación. Esta disertación de maestría, orientada por el Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida, se sometió a examen de defensa en la FAUUSP – curso de post-graduación, el 17 de septiembre de 1996, ante el tribunal de examen formado por el Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida (tutor), el Prof. Dr. Abrahão Sanovicz (AUP – Departamento de Proyecto) y el Prof. Dr. João Rodolfo Stroeter (profesor invitado).

PALABRAS CLAVE

São Paulo, historia, arquitectura moderna, Edificio Itália, análisis.

EDIFÍCIO ITÁLIA AND THE
ARCHITECTURE OF OFFICE TOWERS
IN SÃO PAULO

ABSTRACT

In this article, the author of *The Italia building and the architecture of the office towers in São Paulo*, (a dissertation for a Master's Degree in Architecture at the University of São Paulo) discusses some interesting points of the debate regarding the dissertation mentioned above. The dissertation, supervised by Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida, was submitted to the final exam at FAUUSP – graduate course, in September 17th 1996, having as examiners Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida (advisor), Prof. Dr. Abrahão Sanovicz (AUP – Design Department) and Prof. Dr. João Rodolfo Stroeter (invited professor).

KEY WORDS

São Paulo, history, modern architecture, Edifício Itália, analysis.

Neste ensaio, pretendemos apresentar nosso trabalho e fazer um pós-escrito ao exame de defesa realizado em setembro de 1996. O objeto de estudo da pesquisa foi a arquitetura dos arranha-céus em São Paulo, a partir do ponto de vista de um caso particular de estudo, o Edifício Itália, considerado por alguns autores como um exemplo singular de experimentação em projeto e um paradigma da arquitetura moderna brasileira.

Em um dia de 1942, em plena França ocupada pelos nazistas, um menino aguardava com ansiedade a oportunidade de assistir ao novo filme de Marcel Carné (1909-1996), *Os visitantes da noite*, que entrava em cartaz no cinema de seu bairro. Tanto era seu desejo que resolveu faltar à escola, mas valeu a pena, pois gostou muito do filme. Mais tarde, à noite, sua tia passou em sua casa para levá-lo ao cinema. Ela já tinha escolhido o filme: *Os visitantes da noite*. Não podendo de forma alguma confessar que já tinha visto o filme, aceitou vê-lo de novo. Foi então que o jovem François Truffaut (1932-1984) percebeu “*como era cativante penetrar cada vez mais intimamente em uma obra admirada, ao ponto de poder proporcionar-nos a ilusão de reviver sua criação*” (in: *Os filmes de minha vida*, Ed. Nova Fronteira, 1989, p. 13).

Tal como disse Truffaut nesse episódio, foi extremamente interessante mergulhar na pesquisa de uma obra admirada como esse projeto de Franz Heep, tentando interpretar os passos de sua concepção “*ao ponto de poder proporcionar-nos a ilusão de reviver sua criação*”.

Podemos traçar alguns paralelos entre *Les visiteurs du soir* e o Edifício Itália, mesmo sendo o primeiro um filme e o segundo uma obra de arquitetura. Ambos são obras de silêncios, misteriosas, quase opressivas. A monumentalidade do filme é poética, enquanto a da torre paulista é mais fruto do programa do que de uma atitude gestual do arquiteto (embora não deixe de ser uma escultura que se destaca com intensa presença plástica na paisagem). A força do discurso do projeto no Edifício Itália está baseado na resolução funcional do programa e não apenas na retórica modernista de celebração da indústria e da cidade ideal do futuro. O Itália é, antes de tudo, um experimento *sui generis* combinando o rígido racionalismo europeu dos anos 20/30 com elementos da vertente brasileira do movimento moderno.

Iniciamos nossa pesquisa de mestrado com o estudo do processo de verticalização e metropolização em São Paulo a partir dos anos 20, discutindo a evolução da torre de escritórios paulistana, em função das influências norte-americanas e européias; além dos fatores históricos, econômicos, de tecnologia e legislação. Este estudo incluiu um panorama da evolução do conceito construtivo e espacial do arranha-céu desde a Antiguidade, no qual discutimos os exemplos arquitetônicos de maior relevância ao longo dessa trajetória.

Em relação à torre de escritórios em São Paulo, a pesquisa foi concentrada no período de 1920/1960 por considerarmos que esta foi a fase de maiores inovações e riqueza de soluções de projeto em termos de programa, partido, técnicas de construção – principalmente em relação aos anos 70/80.

Projetado em 1956 pelo arquiteto Adolf Franz Heep (1902-1978), de formação alemã e ex-colaborador de Adolf Meyer (1881-1929) e Le Corbusier (1887-1965), o Edifício Itália é ainda hoje o prédio mais alto já construído no Brasil. Na análise crítica do projeto, efetuada em nossa dissertação de mestrado, procuramos enfatizar o estudo dos conceitos e elementos de forma, estrutura e espaço da arquitetura vertical em relação a seu programa, ao seu entorno e às questões de legislação e uso do solo. Essa abordagem foi apoiada no estudo do contexto histórico e geográfico do bairro e da verticalização do centro de São Paulo.

Não foi propósito desta pesquisa fazer um levantamento histórico sistemático da obra do Itália, de sua construção plena de dificuldades. Da mesma forma, não pretendemos detalhar todas as numerosas modificações sofridas pelo projeto original. Partindo do estudo analítico de seu projeto arquitetônico, procuramos efetuar uma reflexão sobre a arquitetura vertical do século 20 – relacionando a arquitetura do Itália com a de outros edifícios-torre modelares do movimento moderno. Além disso, inserimos o projeto do edifício no quadro histórico da evolução do centro de São Paulo, propiciando uma discussão crítica sobre a verticalização e adensamento da cidade.

Tudo começou pelo desejo de pesquisar o projeto arquitetônico, o desenho do arquiteto e a prática construtiva, pelo estudo de um objeto específico. Partimos do princípio que a prática da crítica constituía também um questionamento de projeto, portanto, instrumento de projeto e um exercício de pesquisa de projeto. Mas concluímos ser justamente a própria prática da profissão a razão de nosso questionamento. Deveríamos explorar os fatores e as decisões de desenho que levam a uma determinada solução arquitetônica.

Assim, a idéia central, enquanto pesquisa de projeto, esteve na instrumentação da análise dos princípios básicos do design: os pressupostos, noções e conceitos de forma, espaço e organização do programa, estruturados no suporte do sítio urbano (a história e a geografia do lugar). A esse conjunto estariam subordinadas as questões de linguagem e tecnologia – além da exploração das relações entre arquitetura e cidade (objeto e seu meio) e o contexto do edifício na história da arquitetura.

Desde o curso de graduação, interessou-nos especialmente o fenômeno do adensamento e verticalização dos grandes centros e a inserção correta da arquitetura em um meio urbano tão saturado como a metrópole contemporânea. Como tipologia arquitetônica, a torre de escritórios parece-nos constituir uma das principais características desse modo de apropriação urbana, e isto nos levou à escolha desta como foco de investigação. A arquitetura vertical é a marca mais característica da metrópole advinda da Revolução Industrial nas américas, mesmo que cada cidade tenha experimentado processos históricos diferenciados de crescimento.

A pesquisa foi dividida em três setores de levantamento: as relações entre teoria e história da arquitetura e do urbanismo, a verticalização e adensamento em São Paulo e a evolução tipológica dos edifícios de escritórios.

POR QUE O EDIFÍCIO ITÁLIA?

Da formação de São Paulo como metrópole industrial verticalizada, chegamos à escolha de um caso de estudo que pudesse constituir um ponto de partida. Após uma avaliação de todo o material levantado, decidimos eleger justamente um exemplo extraordinário de arranha-céu dos anos 50 como caso de estudo: o Edifício Itália, obra do arquiteto Adolf Franz Heep de 1956. Suas excelentes qualidades de projeto e suas características de apropriação vertical, em grande parte jamais repetidas, tornaram o edifício mais interessante do que muitos outros exemplos importantes de torres de escritórios em São Paulo.

Sem dúvida, trata-se de um exemplo único de experimentação arquitetônica em São Paulo. E que, apesar de expressar rigorosamente uma linguagem industrial, foi construído com os ainda precários, muitas vezes improvisados ou artesanais, recursos da construção civil brasileira na época. Além disso, tínhamos nossa própria experiência de usuário do Edifício Itália, tendo trabalhado em um escritório no 32º andar do prédio durante um ano (1987-1988).

E, por fim, o autor do projeto é o ainda mal conhecido Adolf Franz Heep, o rígido racionalista, discípulo de Adolf Meyer e Le Corbusier, formado pela Kunsthandwerk de Frankfurt. Segundo os relatos pesquisados na dissertação (v. abaixo), uma figura independente da maioria dos círculos de arquitetos da época: culto, cosmopolita e, ao mesmo tempo, fechado, isolado, autoritário.

Como o objetivo da pesquisa era o estudo da arquitetura vertical em São Paulo, não pudemos nos aprofundar no perfil de seu controverso e formidável arquiteto. Em relação ao conjunto da obra e vida de Franz Heep, na recentemente concluída dissertação de mestrado *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*, do arquiteto Marcelo Consiglio Barbosa (FAUUSP, 2002), temos um amplo painel da trajetória de Heep no país, em uma abordagem inédita.

Antes desse trabalho mais recente, não podemos deixar de destacar a pesquisadora e arquiteta Catherine Gati, sem dúvida a pioneira a resgatar a obra de Franz Heep. Gati vem desenvolvendo há muito tempo uma pesquisa minuciosa da carreira de Franz Heep, como podemos ver em seus excelentes ensaios “Perfil de arquiteto – Franz Heep” (publicado na *Revista Projeto*, n. 97/ março 1987, p. 97-104), e Documento: Franz Heep (publicado na *Revista AU/ Arquitetura e Urbanismo*, n. 53/abril-maio 1994, p. 79-91). Textos compostos de análises rigorosas e bem documentadas sobre o arquiteto, os ensaios de Catherine Gati constituíram a principal fonte de referência de nosso trabalho em relação à obra e ao pensamento de Franz Heep – além dos depoimentos de testemunhas da época e de profissionais envolvidos em sua construção (segundo conta Gati, Heep trabalhou em Paris, com Le Corbusier e Jean Ginsberg, entre outros, antes da Segunda Guerra Mundial).

ALGUNS DADOS SOBRE O EDIFÍCIO ITÁLIA

O Itália foi um empreendimento comercial do Circolo Italiano e, ironicamente, não foi desenhado por um dos numerosos arquitetos italianos que

tinham reiniciado suas carreiras em São Paulo, como Giancarlo Palanti (1906-1977) e Lina Bo Bardi (1914-1992).

Várias propostas foram apresentadas ao Circolo Italiano, incluindo uma expressiva torre combinando apartamentos, lojas e escritórios, desenhada por Giò Ponti (1891-1979), na ocasião de sua visita ao Brasil em 1952 (quando também apresentou projetos para a Cidade Universitária da USP); e uma outra, feita por Gregori Warchavchik (1896-1972) – ver nossa dissertação de mestrado (1996, p. 82-83). A proposta de Heep foi escolhida, não somente por ter sido o projeto que melhor resolveu as exigências do programa, mas também por aproveitar melhor o terreno disponível e apresentar o pavimento-tipo de escritórios com o máximo de área útil dentro dos limites da legislação, possibilitando rentabilidade superior.

O projeto do Studio Ponti-Fornaroli-Rossetti / Giò Ponti está descrito no compêndio *Giò Ponti – The Complete Works 1932-78*, de Lisa Licitra Ponti (Londres e Nova York: Thames and Hudson, 1990, p. 158, 159, 286).

No final, o Itália acabou tornando-se também um monumento representativo da colônia italiana no desenvolvimento de São Paulo, na tradição iniciada com o Edifício Martinelli, outro arranha-céu símbolo da imigração italiana, pioneiro na verticalização da cidade e também por muito tempo o edifício mais alto da América Latina.

Trinta anos depois, a torre projetada por Heep ainda permanece um gigante com 151 metros de altura, 46 pavimentos e subsolo, 52.000 m² de área construída em lote de 2.382 m², 4.003 janelas, 6.000 m² de vidro, abrigando uma população flutuante da ordem de 25.000 pessoas (em média, 1.000 visitantes passam diariamente pelo prédio, utilizando seus 12 elevadores para 20 pessoas). O Itália também abriga a sede do Circolo Italiano e dispõe de um auditório (o Teatro Itália) de 350 lugares. Segundo dados fornecidos pelo engenheiro Renato Cecchi (falecido em 02/01/2004, aos 94 anos), síndico do edifício e participante da construção, foram utilizados na obra 14.000 m³ de concreto, 150.000 sacos de cimento, 20.000 toneladas de ferro, etc.

Desde o início da obra, o Itália se tornou admirado pela engenhosidade de seu sistema estrutural, pioneiro para sua época no Brasil. No entanto, sua construção foi atribulada por diversos problemas, tendo sido inaugurado apenas em dezembro de 1965.

O Terraço Itália, seu célebre restaurante de cobertura, foi concebido posteriormente. Originalmente, o projeto da cobertura previa um belvedere corbusiano com um terraço-jardim projetado por Roberto Burle Marx (1909-1994). Paulo Mendes da Rocha concebeu o projeto do restaurante original, mais tarde modificado por diversas reformas. O próprio edifício passou por diversas reformas e alterações, incluindo uma escada de incêndio de aço, de difícil construção.

A sua implantação, em uma esquina estratégica de duas importantes avenidas do Centro Novo, além da proximidade com a praça da República, condicionou seu destino, desde o início do empreendimento, como o arranha-céu mais alto da cidade. A altura excepcional do edifício, em face dos gabaritos estabelecidos pelas autoridades municipais, foi permitida pela prefeitura de São Paulo, tendo-se em vista sua localização em um ponto focal da cidade, na conjunção entre as avenidas Ipiranga e São Luiz e voltada para a praça da República.

Seguindo a linha dos edifícios-conjunto dos anos 50, tal como o Conjunto Nacional (de Daniel Libeskind, 1954), temos, no Edifício Itália, um bloco de embasamento e um volume vertical principal. O bloco horizontal ocupa toda a projeção do lote, mas a torre emerge da base como uma forma isolada. Além desses, no entanto, o projeto de Heep acrescentou uma solução engenhosa para encobrir as empenas dos edifícios adjacentes: até a altura permitida para as edificações na divisa do lote (na época), ergue-se, em cada alinhamento, duas alas laminares de oito pavimentos cada, revestidos de blocos de vidro com janelas emolduradas. Tais alas lembram, de certa forma, tanto a Maison de Verre, de Pierre Chareau, como a membrana independente de cobogós dos apartamentos do Parque Guinle, de Lúcio Costa, (1948-51) ou do Edifício Plavinil-Elclor, de Rino Levi (1961).

Pouco tempo depois foi aprovada a Lei Municipal n. 5.261 de 1957. Com esta lei, aplicava-se, pela primeira vez na cidade, um coeficiente de aproveitamento máximo para construções, estabelecendo-se o índice 6 para edifícios comerciais, inviabilizando experiências posteriores do porte do Edifício Itália.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação foi organizada nos seguintes segmentos temáticos:

Introdução – Um artefato para uma leitura crítica do projeto – Temas de leitura e análise do artefato arquitetônico. Definições de arquitetura. Forma e função. Linguagem na arquitetura. Composição e ordem arquitetônica. O croqui como instrumento de pesquisa e reflexão. A questão da memória.

Apresentação do Edifício Itália – uma experiência singular na verticalização de São Paulo – Um solo virtuoso. Algumas questões sobre verticalização e uso do solo. Novos eixos de expansão do centro de negócios? A possibilidade de retorno ao centro. O Itália como exemplo de viabilidade comercial do centro. Adaptação de novas tecnologias aos edifícios de escritórios antigos. A importância do Itália nos anos 90.

A evolução tipológica da torre de escritórios e seus principais exemplos – Origens da tipologia. A Escola de Chicago. *Gothic and classical revival*. A primeira legislação de uso do solo. *Art-déco*. O arranha-céu no movimento moderno.

Sobre a torre de escritórios em São Paulo – 1929: São Paulo às vésperas da metropolização. Verticalização e expansão do centro 1930/50 (Características básicas do edifício de escritórios em São Paulo, enquanto tipologia). Os edifícios-torre pioneiros do movimento moderno em São Paulo 1940/50. Expansões: a verticalização em São Paulo 1950/60 (Leis e empreendimentos que influenciaram o futuro da verticalização da cidade. Características da verticalização do centro, nos anos 50. A avenida Paulista). A era dos grandes conjuntos (1950/60). A influência de Le Corbusier e do *international style*.

Aspectos de contexto no projeto do Itália – O contexto da praça da República. Franz Heep e Jacques Pilon. O contexto da imigração italiana em São Paulo nos anos 50.

A forma e função no Edifício Itália – Implantação e condicionantes de legislação. Programa e dimensões. Partido arquitetônico. Estrutura (Fundações. O

problema do vento. Amarração e transição). Acessos e circulação. Hierarquia de espaços e escalas. Fechamentos. Resumo descritivo das instalações elétricas e hidráulicas. Alguns aspectos sobre a construção do Itália (Reformas e ampliações. A escada de incêndio. Empresas envolvidas na construção).

Uma leitura crítica dos espaços – Relações de contexto e paisagem. Relações de contexto e implantação. A influência corbusiana no partido. Relação de uso, acessos e circulação. Progressões e percursos. Relações de unidade e conjunto, hierarquia, simetria e equilíbrio. Relações de geometria e traçado regulador. Simetria e proporcionalidade. Estrutura, iluminação e ventilação natural. Relação interior/exterior. Escalas. Relação entre elementos repetitivos e singulares. Perspectiva, hierarquia, partido e articulação de volumes.

Monumentalidade, modernismo e tradição brasileira no Itália – Modernismo e tradição local: alguns aspectos da discussão no projeto do Itália. Muxarabins, *brise-soleils* e a hierarquia de escalas no Itália. Do Rentenanstalt ao Itália: uma linhagem corbusiana? O Itália como um diálogo entre escolas do movimento moderno. Uma expressão do imaginário da técnica? O Itália como expressão de monumentalidade. Uma idéia classicista de espaço?

Aspectos de metodologia de análise

Em relação à metodologia de análise do projeto, a leitura do edifício foi dividida nos seguintes temas geradores, que revelam a idéia arquitetônica do projeto, por meio de textos e diagramas de interpretação das plantas, cortes, elevações, detalhes, perspectivas internas e externas, fotografias, entrevistas, depoimentos, reportagens, etc.:

1. Definições quantitativas e qualitativas do programa e do sítio.
2. Características do partido ou idéia dominante do projeto: influência do contexto natural e construído nos princípios ordenadores da forma na implantação (eixos, simetrias, hierarquias, escalas); acessos, circulação, anúnciação da entrada; relações de circulação, programa, fluxos e percursos; configuração espacial: espaços intermediários, comuns e adjacentes; espaços principais e secundários; sistemas estruturais e organização espacial: central, linear, radial, celular, grelhas.
3. Ordem arquitetônica/relações geométricas entre sítio, forma e espaço: relação de unidade de conjunto formal; relação de eixos, simetria, equilíbrio total e local; hierarquia das massas principais e secundárias; relação de transformação, ritmo e repetição formal; relação de adição, subtração e transformação formal.
4. Técnica e programa: estrutura e sistemas construtivos, iluminação e ventilação – natural e artificial; acústica e controle de ruído, sistema de comunicações e segurança, instalações elétricas e hidráulicas.

Basicamente, nossa metodologia foi baseada nos questionamentos de Bruno Zevi em *Saber ver a arquitetura* (Martins Fontes, 1979) e no trabalho desenvolvido pelos professores Roger H. Clark e Michael Pause da Universidade da Carolina do Norte (pesquisa apresentada em *Arquitectura: Temas de composición*, Gustavo Gili, 1987). Outra obra de referência na elaboração de nossa metodologia foi *Architecture: Form, space and order*, do professor Francis D. K. Ching, da Universidade de Wisconsin-Milwaukee (Van Nostrand-Rheinhold, 1979). Além dos textos citados, nosso estudo foi muito influenciado pelos textos

de Colin Rowe em *The mathematics of the ideal villa and other essays*, (The MIT Press, 1976), além dos ensaios de Alan Colquhoun em *Modernity and classical tradition* (The MIT Press, 1989), e pelos ensaios da coletânea *Sobre arquitetura*, de Lúcio Costa (CEUA, 1962).

Adotamos aqui um procedimento diferente de outros acadêmicos brasileiros que preferem uma abordagem menos subdividida, baseados na idéia de a arquitetura moderna ser definida pelo partido e pelo programa, pelas relações de forma e função, às quais todos os outros aspectos estariam subordinados. A subdivisão proposta pode parecer um pouco compartimentada e classificatória, mas foi elaborada como um meio de fornecer dados para uma discussão crítica do projeto.

Alguns colegas criticaram esse tipo de abordagem quase “taxonômica” do projeto. Entretanto, podemos notar que, nas ciências naturais, por exemplo, a taxonomia desempenhou um papel importante no desenvolvimento científico, longe de ser apenas um mero instrumento de classificação. A classificação comparativa das espécies, tanto dos seres vivos como dos fósseis levou os naturalistas do século 19 a importantes descobertas, como a Teoria da Evolução das Espécies, por Darwin.

Para Stephen Jay Gould (1941-2002), o célebre professor de geologia do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard, a ciência da taxonomia – definida como a ordenação e a classificação de organismos – culturalmente é subestimada em relação aos ofícios da “experimentação e quantificação”, ou seja, da verificação de hipóteses, coleta de dados e análise. “*Mas a taxonomia deveria ser vista como uma das mais fundamentais, e mais nobres, das buscas científicas – por o que pode ser mais básico do que separar a complexidade rica e desconcertante da Natureza?*” (no ensaio “Pride of place-science without taxonomy is blind”, na revista *The Sciences*, n. 2 v. 34, p. 38-39, march/april 1994).

Enfim, o mais importante para nossa pesquisa era elaborar um sistema de leitura sistemática do projeto, tentando separar seus pontos essenciais, descobrir suas nuances e as influências que nortearam as decisões de projeto. Ou seja, “*(...) Ler, no sentido de saber ler, de compreender o que se lê para além do que está escrito, perceber a significação do que está escrito, perceber a significação do que as palavras simplesmente veiculam, tem suas sutilezas específicas, porque a leitura assim encarada já está escrita, escreve-se a si mesmo durante o processo, projeta-se sobre o futuro texto que ainda está para ser escrito. A leitura é uma forma de escrita, assim como a escrita é uma forma de leitura*”, como disse Wilson Martins (Entrevista O edifício da crítica em ruínas. *Jornal da Tarde/O Estado de S. Paulo*, 24/02/96).

Aspectos de pesquisa e interpretação

Resumidamente, o questionamento de nossa pesquisa pode ser delimitado nestes termos: de que forma o estudo de certos valores, conceitos e soluções de projeto de um determinado período histórico do movimento moderno no Brasil tem a propor-nos ou a sugerir-nos para a arquitetura vertical em São Paulo? Ou seja, quais caminhos a reflexão do passado tem a apontar no sentido da renovação do projeto da torre vertical de escritórios em São Paulo? E como fazer

da análise dos casos de projeto o meio para descobrir ou interpretar esses valores, conceitos e soluções, relacionando linguagem (identidade local e referências da tradição), técnica, desenho e meio urbano?

A escolha do Edifício Itália e da arquitetura vertical do centro de São Paulo como objeto de estudo estava vinculado ao fato de ter trabalhado em um escritório, no Itália, por cerca de um ano. Concluímos que era essencial para nossa análise termos vivenciado os espaços arquitetônicos e urbanos que iríamos discutir. Essa vivência experimental do edifício também estava atrelada a outra característica de nossa pesquisa de mestrado: a preocupação em estabelecer relações entre a arquitetura e outras artes, como o cinema e a literatura do período focado. Em suma, como a prática do projeto pode ser influenciada não somente pelo passado arquitetônico ou urbano da cidade em que vivemos, mas também pelas lembranças de leituras, viagens, visitas, filmes, etc.

Desde há muito tempo interessamo-nos pela questão da memória, do repertório de imagens que, conscientemente ou não, interfere e influi no processo de concepção do projeto. Em relação à arquitetura vertical, a memória do passado está sempre presente ao imaginarmos o centro de São Paulo, a massa de seus “arranha-céus” construídos em grande parte entre 1920 e 1960. A questão da memória e da referência levou-nos naturalmente à questão do cinema e da arquitetura em nossa pesquisa, nossa preocupação em relacionar arquitetura e cinema, de modo a mostrar como um e outro refletem uma visão do mundo e da sociedade – um aspecto positivo da abordagem, segundo a opinião da banca examinadora.

Dessa forma, procurávamos mostrar a arquitetura como um fenômeno cultural, na definição miesiana de toda arquitetura ser fruto do espírito de seu tempo. De certa forma, o exercício do projeto é sempre um esforço impregnado pelos fragmentos de memória. Um exemplo dessa possibilidade de pesquisa é o belo texto de Aldo Rossi (1931-1997), *Autobiografia científica* (1981).

O Edifício Itália é, com certeza, um artefato definidor da identidade urbana de São Paulo. Não é à-toa que ainda hoje assume a posição de cartão de visitas da cidade e “porta-bandeira” da avenida São Luís, o maior eixo concentrador de serviços de turismo e viagens da cidade.

Ao relatar as reformas e alterações sofridas pelo projeto original ao longo do tempo (necessárias para adaptar o prédio às novas exigências advindas da evolução do centro de São Paulo), procuramos também mostrar que a arquitetura moderna não se fossiliza. Nesse final de século, mais do que nunca, a idéia de irreversibilidade do projeto arquitetônico original torna-se praticamente inviável. Como enfatizamos no último capítulo da dissertação, a atual complexidade dos ambientes de trabalho torna obrigatória a capacidade do projeto, do edifício e do espaço urbano em adaptar-se rapidamente às novas necessidades e tecnologias exigidas pela metrópole contemporânea.

O próprio espaço urbano contemporâneo revela-se em constante mutação de funções e atividades. No caso de São Paulo, uma rápida visão da transformação dos bairros centrais no período 1930/90 revela um quadro de crescimento e evolução acelerada, por um processo quase descontrolado de apropriação predatória do espaço, como expomos nos capítulos iniciais da dissertação de mestrado. O Edifício Itália permaneceu durante décadas como uma ilha em meio à

degradação do centro, espaço que somente nos anos 90 em diante foi objeto de um processo de revitalização mais sustentado.

O Itália permanece sobrevivente, valorizado e intacto, como um exemplo do potencial do centro para abrigar escritórios administrativos, serviços, cultura. Grande parte desse mérito está no apelo da arquitetura (“o edifício mais alto da cidade”), bem como no constante esforço da administração do prédio em adaptá-lo às novas necessidades da cidade do século 21.

As alterações sofridas pelo Itália ao longo do tempo, e mesmo durante a obra, refletem a idéia defendida por Sérgio Ferro do projeto como um processo, como busca constante de aperfeiçoamento: *“O projeto é fundamental. O projeto no sentido sartreano, no sentido maior, fundamental em qualquer atividade humana, decidir para onde vai, o que se quer atingir”* (Entrevista à revista *AU-Arquitetura e Urbanismo*, n. 27, p. 46-49, dez. 1989-jan. 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, não foi nosso objetivo fazer uma narrativa de sua construção acidentada, ou ainda detalhar as numerosas modificações de seu projeto original. Não procuramos, da mesma forma, esgotar todos os aspectos analíticos do projeto e sua inserção na obra do arquiteto, ou seja, sem a ambição de cobrir todas as facetas, iluminar todos os cantos ocultos. Portanto, não se trata de uma obra seminal que cubra todos os aspectos tecnológicos e históricos da obra e as três décadas de vida do Edifício Itália, esforço de análise que necessitaria de uma abordagem multidisciplinar, a qual envolveria o conhecimento especializado de engenharia. Da mesma forma, estaria fora do limite desta pesquisa aprofundarmos na obra do vigoroso Franz Heep, pesquisa que a arquiteta Catherine Gati já estava conduzindo, e em estado bem adiantado na época de nossa pesquisa de mestrado – como vimos em seus dois ensaios. A dissertação de mestrado de Marcelo Consiglio Barbosa (op. cit.), realizada posteriormente à nossa pesquisa, lançou novas luzes sobre a obra de Heep como um todo, esclarecendo vários aspectos desconhecidos em relação à sua carreira, além de apresentar um inventário pioneiro de seus projetos (sobre o Edifício Itália, v. p.107-118 da dissertação de Marcelo Barbosa).

A tentação era grande, no início, de criar uma obra mais abrangente e ambiciosa. Mas o resultado final, bem mais modesto e realista, configura mais um subsídio para o estudo da arquitetura dos edifícios de escritórios em São Paulo e sua importância na metropolização da cidade dos anos 30 em diante. Mais uma contribuição para a pesquisa da História da arquitetura em São Paulo e sobre um dos edifícios mais importantes construídos na cidade nos anos 50.

De fato, escrevendo agora, passados quase dez anos do término da dissertação, seria necessário não apenas revisar seu texto para publicação, mas fazer uma atualização, um pós-escrito. Novos fatos e informações surgiram durante esse período (incluindo projetos de modificação do sistema estrutural, novos depoimentos e entrevistas disponíveis, além de novas ilustrações relativas ao tema), embora não influenciem as conclusões e o levantamento de pesquisa como um todo.

Em fins de 1997, a arquiteta Silvia Scalzo Cardoso nos mostrou um ensaio de Philippe Dehan e Luc Baboulet sobre o pioneiro modernista Jean Ginsberg (1905-1983), que foi sócio de Heep em Paris, publicado na revista *AMC Le Moniteur Architecture*, n. 83, outubro 1997 (p. 48-55). O ensaio, intitulado “Jean Ginsberg a Paris”, menciona sua associação com François Heep em três importantes projetos em Paris no pré-guerra, entre 1933 e 1935: nas avenues de Versailles, e Vion-Whitcomb e rue des Pâtures. O levantamento fotográfico da obra de Ginsberg em Paris é muito interessante. Com certeza podemos notar desconcertantes similaridades entre os edifícios projetados por Ginsberg entre 1934 e 1967 e a obra de Heep em São Paulo – particularmente em relação a volumes destacados da fachada, *brise-soleils*, estrutura de concreto formando grelhas de *brises* e terraços, etc.

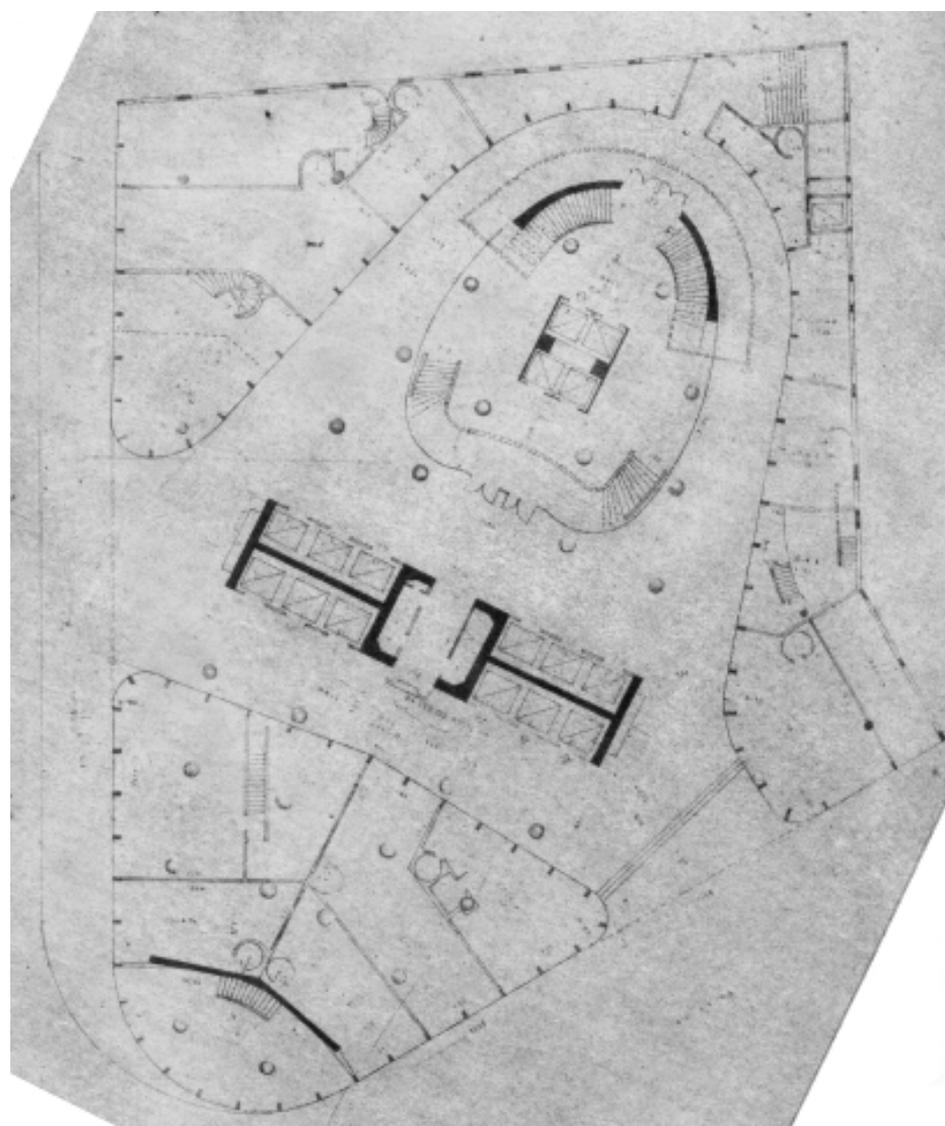


Figura 1: Planta do pavimento térreo do Edifício Itália
Crédito: Escritório Técnico Edoardo Rosso – Yoshimasa Kimachi Arquitetos

Na conclusão de *Declínio e queda do Império Romano* (1788), Edward Gibbon rememora que foi caminhando entre as ruínas do Capitólio de Roma que concebeu a idéia de sua obra monumental (p. 490). De certa forma, esse estudo do Edifício Itália também nasceu de caminhadas, das muitas andanças pelo centro deteriorado de São Paulo, entre as ruínas precoces de uma arquitetura tão representativa. Foi então que, como disse Aldo Rossi em *Autobiografia científica* (p. 100): “*outras recordações, outros motivos, foram aparecendo, também aqui em discreta desordem, e assim foi-se modificando o projeto original (...) Talvez a história de um projeto deva ser simplesmente assim e, tal como o projeto, necessite de uma conclusão, quiçá tão somente para poder ser repetida com pequenas variações e movimentos, ou também, para não resultar assimilada a novos projetos, novos lugares e novas técnicas, outras formas de vida que sempre entrevemos*”.

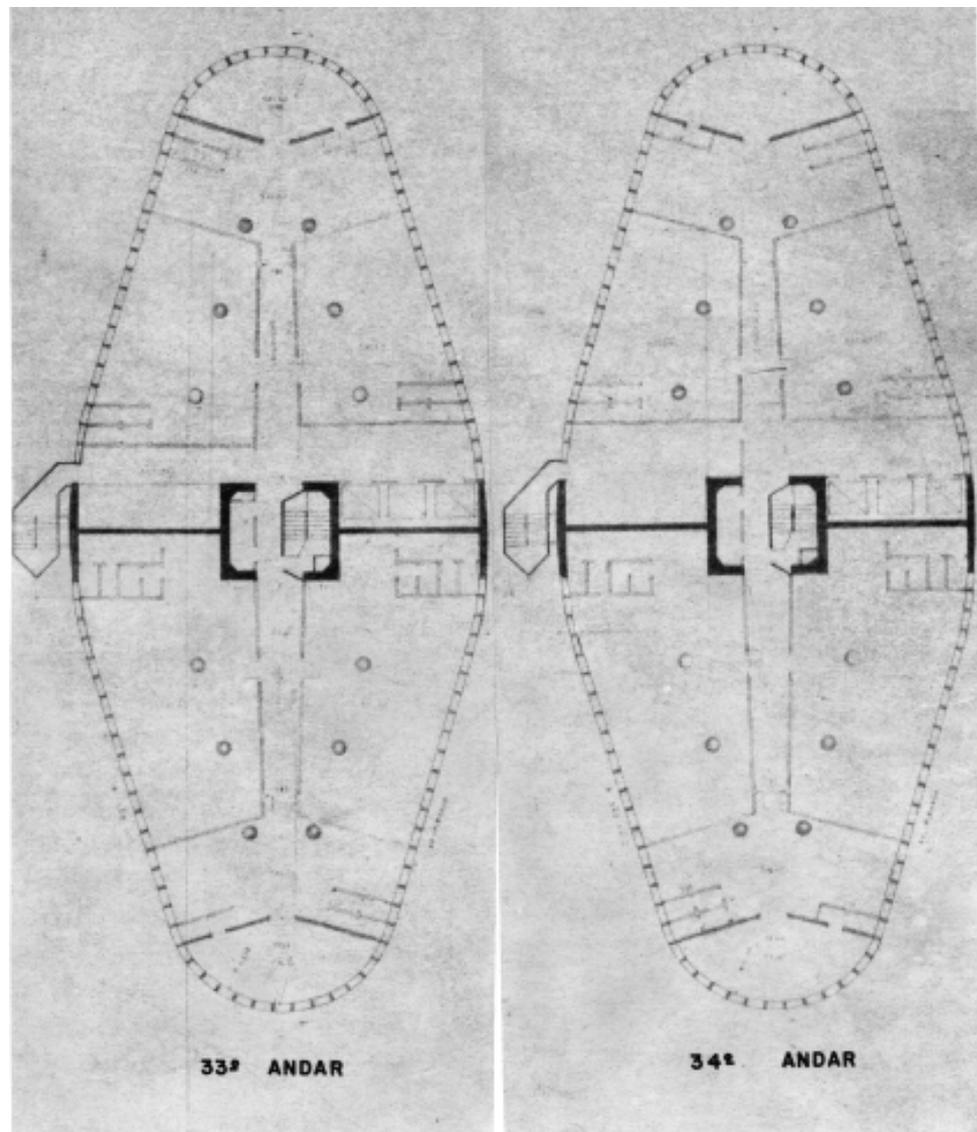
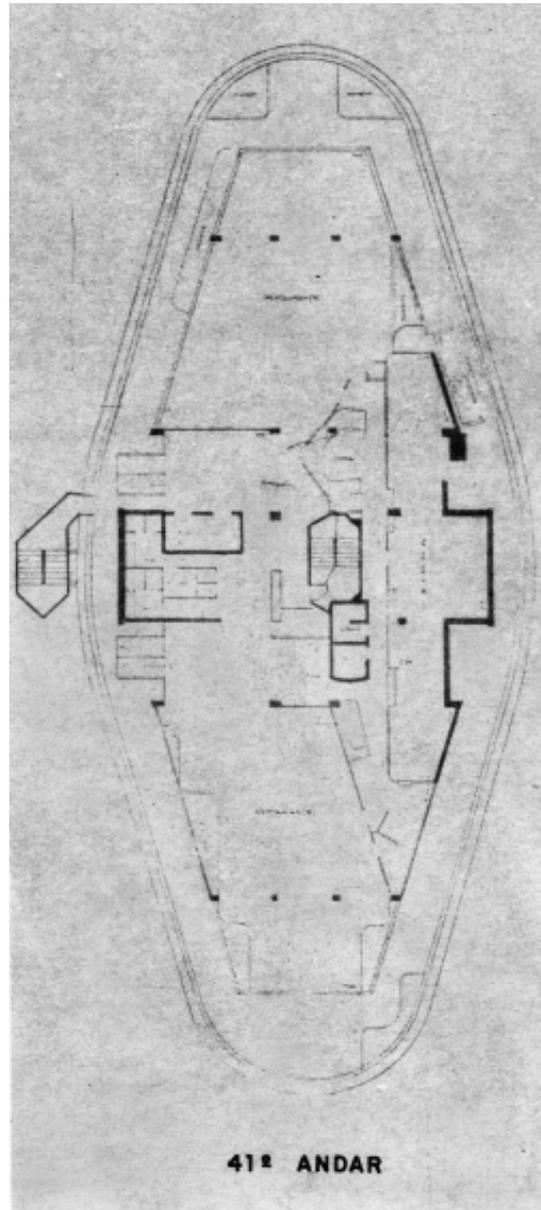


Figura 2: Planta dos 33º e 34º pavimentos do Edifício Itália
Crédito: Escritório Técnico Edoardo Rosso – Yoshimasa Kimachi Arquitetos

Figura 3: Planta do restaurante de cobertura (41º andar) do Edifício Itália
Crédito: Escritório Técnico Edoardo Rosso – Yoshimasa Kimachi Arquitetos



BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Marcelo Consiglio. *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CHING, Francis D. K. *Architecture: Form, space and order*. Nova York: Van Nostrand-Reinhold, 1979.
- CLARK, Roger H.; PAUSE, Michael. *Arquitectura – Temas de composición*. Cidade do México: Gustavo Gili, 1987.
- COLQUHOUN, Alan. *Modernity and classical tradition – Architectural essays 1980-87*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1989.
- COSTA, Lúcio. *Sobre arquitetura*. Porto Alegre: CEUA, 1962.
- DEHAN, Philippe et al. Jean Ginsberg a Paris. Revista *AMC Le Moniteur Architecture*, Paris: AMC, n. 83, p. 48-55, out. 1997.

- FUJIOKA, Paulo Yassuhide. *O Edifício Itália e a arquitetura dos edifícios de escritórios em São Paulo*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- MARTINS, Wilson. O edifício da crítica em ruínas. *O Estado de S. Paulo/Jornal da Tarde*. São Paulo: OESP, 24 fev. 1996.
- PONTI, Lisa Licitra. *Giò Ponti – The Complete Works 1932-78*. Londres e Nova York: Thames and Hudson, 1990.
- GATI, Catherine. Perfil do arquiteto – Franz Heep. Revista *Projeto*, São Paulo: Projeto Editores Associados, n. 97, p. 97-104, mar. 1987.
- _____. Documento: Franz Heep. *Revista AU-Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo: Editora Pini, n. 53, p. 79-91, abril/maio 1994.
- GOULD, Stephen Jay. Pride of Place – Science without taxonomy is blind. *The Sciences*. Nova York: The New York Academy of Sciences, v. 34, n. 2, p. 38-39, march/april, 1994.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. Ed. abreviada. Tradução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989 (ed. orig. 1788). p. 490.
- ROSSI, Aldo. *Autobiografia científica*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. p. 100.
- ROWE, Colin. *The mathematics of the ideal villa and other essays*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976.
- TRUFFAUT, François. *Os filmes de minha vida*. Tradução de Vera Adami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989 (ed. orig. 1975). p. 13.
- VENTURI, Robert. Complexity and Contradiction in Architecture. *Papers on Architecture 1*. Nova York: The Museum of Modern Art, 1968 (ed. orig. 1966).
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1979.

Agradecimentos

Gostaria novamente de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo L. P. R. de Almeida, pelos anos de paciência e confiança depositados desde o início da pesquisa de mestrado. E também gostaria de renovar meus agradecimentos à Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação e do Desporto – e a Comissão de Pós-Graduação da FAUUSP – CPG, que me concederam a bolsa de estudos essencial para produção da dissertação de mestrado em regime de tempo integral e sem a qual não teria sido possível realizar a pesquisa. Agradeço igualmente o apoio da CPG, do presidente e vice-diretora da faculdade na época, Profa. Dra. Élide Monzeglio, na finalização da dissertação.

Paulo Yassuhide Fujioka

Arquiteto, mestre e doutor pela FAUUSP, professor na Escola de Engenharia São Carlos da USP.

e-mail: paulofujioka@uol.com.br